

Compondo Mundos:

Abjeção, agenciamentos de cuidado e ancestralidade com bixas trans e travestis em São Paulo (SP) e Tabatinga (AM)

Mi Oliveira Furquim dos Santos

Orientador:

José Miguel Nieto Olivar

Banca:

Dulce Ferraz

Sil Nascimento



cosmopolíticas
do cuidado no
fim-do-mundo

FAPESP Jovem Pesquisador 2 (2021/06897-9)



Contextualização

- Dissertação de mestrado (2022);
 - “Aqueles que vieram antes” e “E se não fossem os orixás, eu não estava mais viva”;
- Cosmopolíticas do Cuidado no Fim-Do-Mundo (2022);
 - “Babado”, “macumba”, beleza, fabulação intensiva, mobilizações públicas;
- TRAMA (2022);
 - Formação e atuação de redes de suporte e de práticas de cuidado, institucionais e comunitárias;

Abjeções, subalternidades e um mundo como ameaça

- A marginalização de certos corpos e identidades que não atendem as expectativas das normas sociais dominantes;
- Performatividades de corpos dissidentes são alvos de processos normativos de desumanização e colocados em um lugar de monstruosidade;
- A produção de sofrimento, adoecimento, segregação e aprisionamento de corpos travestis e de bixas trans fazem parte das dinâmicas cotidianas de terror que alimentam o genocídio e o epistemicídio, onde o Estado se apresenta como um dos agentes dessa rede necropolítica e dos “mundos de mortes” físico-simbólicas (MOMBAÇA, 2019);
- Alguns trabalhos apontam que a combinação dos efeitos do estigma, violência, discriminação e transfobia são parte do cotidiano da violação dos direitos de travestis e bixas trans (MISKOLCI et al, 2022).

Abjeções, subalternidades e um mundo como ameaça

- Experiências de violências e discriminações em serviços institucionalizados de saúde, como o desrespeito aos nomes e pronomes, assim como recusas em demandas de saúde, são relatos que escutei em minha prática profissional e em pesquisa. “Toda travesti já passou ou vai passar por isso” (SANTOS, 2022, p.177);
- A oferta em termos de garantia de direitos em saúde para travestis e bixas trans esteve tipicamente associada à AIDS, num processo de *SIDA*danização contribuindo para a produção de uma estigmatização (PELÚCIO, 2009; 2011);

Composição

- Composição como oposição a monocultura. A monocultura não admite coexistência e assim cria classificações e hierarquiza caminhos (Goldman, 2021);
- Dissensos, divergências e diferenças podem tornar possível a compreensão de como vidas e histórias travestis e de bixas trans são potencializadas e em constantes transformações, de um modo que exige variações contínuas, combinando e distinguindo ritmos;
- Cada **mundo** é único e interconectado, sendo **composto** por diferentes partes que vistas de fora podem não ser consideradas compatíveis. E o mundo não apenas como um lugar físico, mas está também relacionado aos humanos e as outras existências que coabitam tal espaço (NÓBREGA, 2019);

Composições

- Composição entre trajetória de campo e de trabalho no centro de São Paulo (SP) de Michel, e de campo e trabalho em Tabatinga (AM) de José Miguel;
- Composição entre pesquisa de doutorado, TRAMA e o Cosmopolíticas do Cuidado no Fim-Do-Mundo;
- Composição entre Psicologia, Antropologia e Saúde Coletiva;
- Composição entre Casa (de cafetina, de família, de terreiro) e Rua (bares, “infernhinhos”, pista);
- Corpos e Entidades;



Tempo e Ancestralidades

- O tempo linear, ocidental e colonial, impossibilita a compreensão de relações e fenômenos, como - entre tantas outras - da produção de um corpo, de uma memória e de uma ancestralidade (MARTINS, 2022);
- Toda memória do conhecimento é instituída na e pela performance ritual por meio de técnicas e procedimentos performáticos veiculados pelo corpo. Esses ocupam lugar privilegiado na formação de territórios e ambientes de memória por transmitirem e instituírem saberes estéticos, filosóficos e metafísicos (MARTINS, 2022);
- Ancestravas e Transcestrais;

Transcestrais

- Aquelas que vieram antes;
- As existências das travestis e bixas trans se tornam possíveis no presente graças as **Transcestrais**. Elas transformaram a ideia de formato de família e a produção de relações de cuidado através das casas de cafetinas e das pistas (DE JESUS, 2022);
- As Transcestrais “estão conosco, ouvindo esta conversa e nutrindo o apocalipse do mundo de quem nos mata”, essas vidas impossíveis/infinitas que “se manifestam umas nas outras e manifestam, com sua dissonância, dimensões e modalidades de mundo que nos recusamos a entregar ao poder” (MOMBAÇA, 2021, p. 14 apud YU et al., 2022);

Metodologias e campos

- Trabalhos etnográficos multissituados;
- São Paulo (Arouche, República e Butantã) e Tríplice Fronteira (Tabatinga, Letícia e Benjamin Constant);
- Pré-Campo em Tabatinga (AM): março de 2024;
- Campo em São Paulo (SP): rastreando mulheres trans e travestis que estão em São Paulo, mas que vieram da região norte, especialmente Amazonas (desde setembro/2023);
- Previsão de segundo período de campo em Tabatinga (AM): agosto 2024 até dezembro de 2024;

Primeiras aberturas

- É o corpo que grita. É no corpo que ficam as cicatrizes. É no corpo que o tesão ferve. É o corpo que as entidades ocupam. É no corpo que o silicone escorrega. É no corpo que a paixão pulsa. O sentir, o fazer e a radicalização da presença podem ser analisados para além do cuidado?
- Pomba Giras e entidades, potências de vida radical, vem no corpo da travesti, da puta e da bixa. Corpos que xingam, que falam palavrão, porque podem. E ao mesmo tempo que se tornam vias de cuidado para aquelas/es ali presente.
- Transições. De cuidada para cuidadora. De corpo para corpa. Quando deixa de ser filha e passa a ser mãe?

Primeiras aberturas

- Mães de criação ocupando lugar importante para que crianças travestis e bixas trans cresçam. A saúde e o Estado precisam de mães quem cuidem;
- Terreiros e casas como lugares de *acuírlombamento* (NASCIMENTO, 2018) onde se torna possível refazer relações de afeto e de família;
- Não-humanos e mais-que-humanos como agentes na relação do cuidado e do bem estar. Entidades, orixás, cachorros, gatos e plantas;

Tabatinga - Março 2024







Referências bibliográficas

GOLDMAN, Marcio (Ed.). **Outras histórias: ensaios sobre a composição de mundos na América e na África**. 7Letras, 2021.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela. Editora Cobogó, 2021.

MISKOLCI, Richard et al. Desafios da saúde da população LGBTI+ no Brasil: uma análise do cenário por triangulação de métodos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 3815-3824, 2022.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Editora Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima. *Revista de Antropologia*, v. 62, n. 2, p. 459-495, 2019.

Referências bibliográficas

NOBREGA, Márcia. Andar “mais eu”: os modos de composição entre terra, correntezas e povoações na Ilha do Massangano, PE. 2019. 2019. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas.

PELÚCIO, Larissa. Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo: Annablume, 2009.

PELÚCIO, Larissa. Marcadores sociais da diferença nas experiências travestis de enfrentamento à aids. Saúde e sociedade, v. 20, p. 76-85, 2011.

SANTOS, Michel de Oliveira Furquim dos. Criar um mundo pra si: agenciamentos de cuidado de pessoas trans, travestis e não-binárias para uma vida possível. 2022. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

YU, W. et al. Nelas, através delas, em suas memórias: estigma, afeto e religiosidade em ativismos transcestrais no Brasil. Líbero, São Paulo, n. 51, p. 29-51, maio/ago. 2022. Disponível em: <<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1750>>. Acesso em: 01 mar. 2023.